



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Quem é mais afetado pelas catástrofes em nossa civilização?

Susana Lia Sapir de Sabbá

Orcid: 0000-0002-6880-1619

Especialização em Teoria Clínica e Prática Clínico Institucional pela Universidade Veiga de Almeida / UVA
(Rio de Janeiro, Brasil)

Psicóloga pela Universidade Veiga de Almeida / UVA (Rio de Janeiro, Brasil)

Fonoaudióloga pelo Instituto Cultural Henry Dunant – Centro de Educação e Pesquisa Teórica da
Palavra (Rio de Janeiro, Brasil)

Psicanalista

Membro associado do Instituto Sephora de ensino e pesquisa de orientação lacaniana / ISEPOL (Rio de
Janeiro, Brasil)

E-mail: susanasabba@gmail.com

Uma leitura psicanalítica das pandemias dos séculos XX e XXI inspirada no livro *Sigmund Freud na nossa época e em nosso tempo*, de Elisabeth Roudinesco, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 2016.

O período se situa entre 1918 a 1920; a gripe espanhola se espalhava pela Europa. Com o fim da 1ª Guerra Mundial, os países encontravam-se em plena crise política e econômica. Emergem novos modos de vida por um lado; por outro, abate-se sobre o mundo uma letal pandemia de gripe. Proveniente dos Estados Unidos, o vírus passa pela Espanha e, após uma mutação, alastra-se pela Europa. Em poucos meses, provocou uma catástrofe ainda mais sinistra que a provocada pelos combates da guerra. A Grande Depressão se aproximava,

A leitura do livro de Elisabeth Roudinesco conduziu minha reflexão em direção às relações entre a vida e a morte na obra de Freud. Onde estava ele neste momento histórico? O que estava vivendo, como via o mundo? O que o esperava naqueles anos difíceis? Segundo a historiadora Elisabeth Roudinesco, Freud se ocupava refletindo. Mantinha-se distante da confusão e não manifestava qualquer simpatia pelas aspirações das novas gerações. Pouco sensível aos ímpetos da modernidade, ele pensava na sua própria morte, no seu corpo e em sua face envelhecidos. Temia morrer antes de sua mãe.

A década de 1920 se descortinou para Freud com grandes perdas, e lutos. Com a morte prematura de seu grande amigo e benfeitor, Anton von Freund, com apenas 40 anos, Freud sofreu uma grande perda para a sua causa e uma grande dor para si próprio. Cinco dias mais tarde, debilitada pela sua terceira gravidez, perdeu sua filha. Sophie sucumbiu a uma pneumonia viral.

A Gripe Espanhola bateu à porta de Freud. Em razão do fechamento das redes ferroviárias nenhum cidadão podia sair de Viena. Por isso, ele não conseguiria chegar a tempo em Hamburgo, cidade onde sua filha falecera. Ela precisou ser cremada por causa da pandemia que se alastrava pelos países europeus. Sophia deixou dois filhos órfãos, um de seis anos e um de treze meses. Freud lamentou:

Com que fim escrevo, então? Sei apenas que não estamos juntos e que nesta miserável época de confinamento não podemos ir à casa um do outro. Foi um ato do destino absurdo e brutal que nos arrancou nossa Sophie, alguma coisa face à qual não podemos nem acusar nem ruminar, somente curvar a cabeça sob o golpe, pobre ser humano sem recurso com o qual jogam as potências superiores. (Freud citado por Roudinesco, 2016, p. 238)

Durante os anos 1920, Freud orientou sua pesquisa em direção a um estudo especulativo sobre a vida e a morte, estudo esse que ia de par com a reforma teórica da 1ª teoria pulsional que caracterizou a sua, assim chamada, “primeira tópica” – pulsões de autoconservação (ou do ego) x pulsões sexuais. Freud deu partida a uma análise cada vez mais profunda dos mecanismos coletivos do poder social. Em 1920, ele levantou a hipótese da existência de uma pulsão destrutiva, de morte, regida por um princípio que se situava mais além do princípio do prazer, e a aplicou à análise da psicologia das massas: “A morte é companheira do amor. Juntos eles governam o mundo”. (Freud citado por Roudinesco, 2016, p. 253). Foi o que Freud escreveu no seu artigo *Além do princípio do prazer*.

Para dar corpo à sua metapsicologia que não dava conta dos sintomas que não se dobravam à interpretação, forjou um novo dualismo pulsional – pulsões de vida x pulsões de morte. Com essa teoria, Freud esboçou um panorama sem concessões de todas as atitudes inconscientes pelas quais um sujeito busca se autodestruir ou destruir o outro, seu semelhante. Nomeou a repetição mortífera como “eterno retorno do mesmo” (Roudinesco, 2016, p. 255). E, na sequência, situou o masoquismo como anterior ao sadismo, classificando o primeiro como muito mais poderoso que o segundo. Para Freud, alguns pacientes permanecem refratários ao tratamento psicanalítico. Ou pior, quando recorrem a ele, regridem e pioram cada vez mais. Tudo se passa então como se, inconscientemente, e independente do talento do terapeuta, eles dessem um jeito de obedecer a uma compulsão à repetição suscetível de arrastá-los para a própria destruição.

Nesse caso, [apontava Freud] tem-se a impressão de que essas pessoas são perseguidas por uma sina, parecendo haver algo de demoníaco em tudo que vivenciam [...] A compulsão que se manifesta nessa ocasião não difere em nada da

compulsão à repetição dos neuróticos, mesmo que estes nunca tenham apresentado sinais de um conflito neurótico resolvido por meio da formação de sintomas [...].
(Freud citado por Roudinesco, 2016, p. 254)

Nesta época, Freud apresentou um câncer na mandíbula que o levou a fazer diversas cirurgias muito dolorosas com médicos não especializados nesse problema. Ele não queria procurar um médico conhecido com medo de que alguns amigos pudessem ter notícias de sua doença. Por não serem especializados, esses médicos o submeteram a diversas cirurgias e acabaram por colocar nele uma prótese que o atormentou até os seus últimos dias de sua vida. Teriam sido esses eventos, relacionados ao próprio luto de Freud e às suas perdas - a morte de seu amigo Freund, a morte de sua filha Sophia levada precocemente pela pandemia, o seu câncer de mandíbula e a morte de seu neto, filho de Sophia -, o motor que o levou a pensar e a desenvolver a teoria da pulsão de morte? Seria esta pulsão um "instinto" que nos habita? O envelhecimento seria a própria prova da prevalência dessa pulsão? E o apego à vida? Estaria ele ligado à pulsão de vida? Existiria essa alternância pulsional em Freud? Poderíamos pensar que as perdas familiares e a sua doença fizessem prevalecer a pulsão de morte?

Pensando na pandemia atual causada pela COVID 19, reflito mais uma vez sobre o legado teórico deixado por Freud, sobre o que ele observou e escreveu após a difícil fase que se apresentou ao final de sua vida. Concluo que não pode haver dúvida de que, ao teorizar a pulsão de morte, ele também tratava do próprio luto, da luta que a vida imprime contra a morte - "Com que fim escrevo, então?". (Freud citado por Roudinesco, 2016, p. 238) Duelo de titãs: Eros x *Tânatos*.

Freud deduziu que a finalidade de toda a vida é a morte e que, nesse combate, as pulsões de vida não fazem outra coisa senão prolongar o percurso que desemboca na morte. Por isso, ele pôde situar as pulsões de vida e, conseqüentemente, a sexuação como um tratamento das forças psíquicas que atuam mais além do princípio do prazer. Quando o sujeito é confrontado com a impossibilidade de simbolizar a ausência de pênis no corpo feminino, sua vida é preservada com o auxílio dos complexos de Édipo e de castração. Escolher situar o pai como agente de um severo ato punitivo permite a simbolização fantasística de que alguém padeceria de uma perda por não ter se portado adequadamente. Supor um pai que ameaça e pune porque não abre mão do seu objeto *a*, complemento libidinal do seu próprio narcisismo perdido, é um tipo de tratamento do impossível que permite que meninos e meninas alcancem tanto o campo das identificações secundárias quanto o da escolha objetal. Deixar de fazer uso do pai para simbolizar a causa dessa diferença ou desmenti-la são outros modos de tratar o impossível, ou seja, de fazer sintoma.

O corpo sexuado sempre impõe a perda de uma parte da realidade para todos os indivíduos. Não há exceção. E cada um trata essa "perda" à sua maneira para entrar no laço social.

A morte, tal como o sexo feminino, presentifica o real da castração, o impossível de representar. Por isso, Freud descreveu esse Real como "um ato do *destino*", um ato desse Outro caprichoso e brutal que arranca da nossa vida as pessoas que amamos. Quando a morte surge "não podemos nem acusar nem ruminar, somente curvar a cabeça sob o golpe, pobre ser humano sem recurso com o qual jogam as potências superiores". (Freud citado por Roudinesco, 2016, p. 238)

A revolução intelectual forjada por Freud no interior da própria teoria psicanalítica, iniciada em 1920 com o artigo *Além do princípio do prazer*, chegou ao seu pleno desenvolvimento em 1929, com *O mal estar na civilização*. No nível manifesto havia a guerra, a destruição; no teórico, a pulsão de morte.

Fico com as seguintes perguntas: será possível que esta epidemia possa afetar positivamente o desejo de viver daqueles que sobreviverem? Será que a luta que travamos pelo prolongamento da vida conseguirá se sobrepor à vontade de destruição instaurada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2? Quem será mais afetado? Os idosos, em quem o envelhecimento já instaurou uma lenta despedida em relação o desejo de viver, extrairão da experiência da pandemia, um novo reconhecimento do valor da vida? Um novo despertar?

Citação/Citation: Lia Sapir de Sabbá, S. (mai. 2020 a out. 2020). Quem é mais afetado pelas catástrofes em nossa civilização?. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 15(30), 156-159.

Disponível em www.isepol.com/asephallus. Doi: 10.17852/1809-709x.2020v15n30p156-159

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 04/03/2020 / 03/04/2020.

Aceito/Accepted: 04/20/2020 / 20/04/2020.

Copyright: © 2019 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.